

o trono vazio

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Peggy Davis



N



Bebbanburg

NORTUMBRIA

Mar do Norte

◦ Eoferwic

Humber

Grimesbi

Lindcolne

EAST ANGLIA

MÉRCIA

Rio Use

◦ Alencestre

Gleawecestre

Cirrenceastre

Rio Tames

Lundene

WESSEX

CENT

◦ Wintanceaster

◦ Scireburnan

Exanceaster

Mar da Irlanda

WIRHEALUM

Brunanburh

Rio Merse

◦ Ceaster

Rio Dee

Abergwaun

◦ Tyddewi

Rio Severn

0 20 40 60 80 milhas

TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, sem que exista consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Por isso, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que alguns leitores preferem outras versões dos nomes listados abaixo, mas, normalmente, recorri à ortografia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo (871-899 d.C.), ainda que nem essa solução seja a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente chamada Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente; uso Inglaterra em vez de Englalund, mas preferi a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do moderno condado. Assim, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Abergwaun	Fishguard, Pembrokeshire, País de Gales
Alceastre	Alcester, Warwickshire
Beamfleet	Benfleet, Essex
Bebbanburg	Castelo de Bamburgh, Nortúmbria
Brunanburh	Bromborough, Cheshire
Cadum	Caen, Normandia
Ceaster	Chester, Cheshire
Cirrenceastre	Cirencester, Gloucestershire
Cracgelad	Cricklade, Wiltshire
Cumbraland	Cúmbria
Defnascir	Devonshire
Eoferwic	York
Eveshomme	Evesham, Worcestershire
Exanceaster	Exeter, Devon
Fagranforda	Fairford, Gloucestershire
Fearnhamme	Farnham, Surrey
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire

Lundene	London/Londres
Lundi	Lundy (ilha), Devon
Mærse, rio	Rio Mersey
Neustria	Província mais ocidental da França, incluindo a Normandia
Sæfern, rio	Rio Severn
Scireburnan	Sherborne, Dorset
Sealtwic	Droitwich, Worcestershire
Teotanheale	Tettenhall, West Midlands
Thornsæta	Dorset (condado)
Tyddewi	St. Davids, Pembrokeshire
Wiltunscir	Wiltshire (condado)
Wintanceaster	Winchester, Hampshire
Wirhealum	The Wirral (península), Cheshire



PRÓLOGO

O meu nome é Uhtred. Sou o filho de Uhtred, que fora filho de Uhtred, cujo pai também tivera o mesmo nome. Como tal, o meu pai escrevia o nome assim: Uhtred. Mas já o vi escrito de outras formas: Utred, Ughtred ou mesmo Ootred. Algumas destas formas podem ler-se em pergaminhos antigos, os quais declaram que Uhtred, filho de Uhtred e neto de Uhtred é o único herdeiro legítimo e eterno dono das terras cuidadosamente marcadas por pedras e diques, por carvalhos e freixos, pelo pântano e pelo mar. As terras encontram-se a norte da região que aprendemos a denominar de England, Inglaterra, e são fustigadas pelo mar sob um céu tocado a vento. Estas terras têm o nome de Bebbanburg.

Apenas conheci Bebbanburg quando já era um adulto, e nós falhámos em conquistar as suas muralhas altas da primeira vez que o atacámos. Nessa altura, o tio do meu pai governava sobre a grande fortaleza. O pai dele havia-a roubado do meu pai. Era um feudo de sangue. A Igreja tentara impedi-lo, alegando ser o inimigo de todos os cristãos saxónicos o homem do Norte pagão, quer fosse dinamarquês ou outro, mas o meu pai fez-me prestar juramento ao feudo. Caso o tivesse recusado, ter-me-ia deserdado, tal como deserdera e despojara o meu irmão mais velho, não por desacreditar no feudo, mas por se ter tornado um padre cristão. Em tempos, o meu nome fora Osbert, porém, quando o meu irmão mais velho decidiu ser padre, deram-me o nome dele. Sou Uhtred de Bebbanburg.

O meu pai era pagão, um senhor da guerra, e era assustador. Contou-me algumas vezes que tivera medo de seu pai, embora me custe acreditar, pois nada parecia assustá-lo. Muitas pessoas afirmam que, se fosse pelo meu pai, nós hoje chamar-nos-íamos Daneland e estaríamos todos a adorar a Thor ou a Odin, e isso é bem verdade. É verdade e simultaneamente estranho, pois odiava o deus cristão que chamava de «deus crucificado», contudo, apesar do seu ódio, toda a vida combateu os pagãos. A Igreja não irá admitir que England existe devido ao meu pai, reivindicando que o feito pertence aos guerreiros cristãos, porém o povo conhece a verdade. O meu pai deveria ter sido chamado de Uhtred de England.

Contudo, no ano do Senhor de 911, England não existia. Havia Wessex

e a Mércia e ainda East Anglia, tal como a Nortúmbria, e enquanto o inverno se transformava numa primavera taciturna, naquele ano, eu encontrava-me junto à fronteira entre a Mércia e a Nortúmbria, numa região de densa florestação à beira do rio Mærese. Éramos trinta e oito homens em boa montada e todos à espera entre os ramos despidos pelo inverno de um bosque alto. Debaixo de nós estendia-se um vale, onde corria célere um pequeno ribeiro para sul e onde a geada se demorava em regos sombrios. O vale estava ermo, embora momentos antes uns sessenta e cinco cavaleiros o houvessem atravessado ao longo do curso do ribeiro, na direção do Sul, desaparecendo depois naquela curvatura brusca em que a corrente se desviava para o lado ocidental.

— Já não deve faltar muito — disse Rædwald.

Era o nervosismo a falar por ele e eu não dei resposta. Também me sentia nervoso, embora tentasse ocultá-lo, imaginando, ao invés, o que o meu pai teria feito naquela situação. Teria permanecido curvado na sela do seu cavalo, carrancudo e imóvel e, como tal, curvei-me na sela e olhei fixamente para o vale. Toquei o punho da minha espada.

Chamava-se Bico de Corvo. Suponho que tivera outro nome antes, uma vez que pertencera a Sigurd Thorrson, e ele dever-lhe-ia ter dado outro, então, embora eu nunca tivesse descoberto qual. No princípio, pensei que a espada se chamava Vlfberht, pois era este o nome estranho que se encontrava inscrito na lâmina, em letras grandes, assim:

†VLFBERH†T

Mas Finan, amigo do meu pai, explicou-me que Vlfberht era o nome do ferreiro franco que a tinha forjado e que fazia as lâminas mais finas e caras em toda a Cristandade, e que ele devia ser cristão, pois inseria a cruz antes e no interior do seu nome. Perguntei-lhe como poderíamos encontrar Vlfberht a fim de lhe comprarmos mais espadas, mas Finan replicou-me tratar-se de alguém mágico, a trabalhar em segredo. Havia um ferreiro que, quando abandonava a sua forja de noite e regressava pela manhã, encontrava uma espada feita por Vlfberht, forjada no fogo do Inferno e embebida em sangue de dragão. Dei-lhe o nome de Bico de Corvo, porque a bandeira de Sigurd exibira essa ave. Era a espada que Sigurd empunhava, quando lutou contra mim e o meu punhal lhe rasgou o ventre. Lembro-me tão bem desse golpe de lâmina, da resistência da fina malha da cota a ceder de repente, da expressão no olhar, quando tomou consciência de que ia morrer

e da euforia que senti ao espetar-lhe o punhal de lado, esvaziando-lhe as entranhas. Isto havia acontecido no ano anterior, durante a batalha de Teotanheale, que escorraçou os dinamarqueses da Mércia Central, a mesma batalha em que o meu pai matou Cnut Ranulfson, tendo sido ferido pela espada deste, a Ódio de Gelo.

A Bico de Corvo era uma boa lâmina, considerava-a ainda melhor do que a Bafo de Serpente. Era longa, porém surpreendentemente leve, fazendo com que outras espadas se partissem ao embaterem nos seus rebordos. Era uma espada de guerreiro e, naquele dia, levei-a comigo para o bosque alto sobre o vale coberto de geadas, onde o ribeiro corria tão célere. Trazia comigo a Bico de Corvo e o meu punhal, Attor, que significa veneno, um punhal largo que servia bem durante o trabalho apertado dentro de uma barreira de escudos. Ferroava e fora o veneno dele que havia aniquilado Sigurd. E trazia comigo o meu escudo redondo, que exibia a pintura de uma cabeça de lobo, o emblema da nossa família. Usava um elmo crestado com uma cabeça de lobo e, por cima do meu gibão em cabedal, envergava uma cota de malha franca, por cima da qual colocara ainda uma capa em pele de urso. Eu sou Uhtred Uhtredson, o verdadeiro senhor de Bebbanburg, e, naquele dia, estava nervoso.

Liderava aquele grupo de guerreiros. Tinha apenas vinte e um anos e alguns dos homens atrás de mim eram quase do dobro da minha idade e tinham tantas vezes mais experiência do que eu, porém era filho de Uhtred, um senhor, e, como tal, comandava. A maioria dos homens encontrava-se atrás, entre as árvores; apenas Rædwald e Sihtric estavam comigo. Eram ambos mais velhos e ambos haviam sido enviados para me aconselharem ou, especificando melhor, me desaconselharem da minha teimosia estúpida. Conhecia Sihtric desde sempre, era um dos homens de confiança de meu pai, enquanto Rædwald era um guerreiro da senhora Æthelflæd.

— Talvez já não venham — sugeriu Rædwald. Era um homem calmo, cauteloso e cuidadoso, e eu quase que suspeitei que alimentava a esperança de que o inimigo não viesse.

— Vêm, sim — grunhiu Sihtric.

E eles vieram. Chegaram apressados do Norte, um grupo de cavaleiros munidos de escudos, lanças, machados e espadas. Nórdicos. Inclinei-me para a frente, na minha sela, na tentativa de contar os homens que cavalgavam ao longo do ribeiro. Três equipas? Eram, no mínimo, cem guerreiros e, entre eles, encontrava-se Haki Grimmson, ou pelo menos distinguia-se ali o estandarte dele com a imagem de um barco.

— São cento e vinte — afirmou Sihtric.

— São mais — disse Rædwald.

— Cento e vinte — reiterou Sihtric secamente.

Eram cento e vinte homens a seguirem o rasto dos sessenta e cinco que haviam atravessado o vale há momentos. Cento e vinte homens cavalgavam sob o estandarte de Haki Grimmson que supostamente exibia o símbolo de um barco encarnado sobre um mar branco, embora a tinta naquele tecido se tivesse desbotado em tons castanhos a mancharem a brancura do mar, deixando a impressão de que a embarcação de proa alta sangrava. O porta-estandarte cavalgava atrás de um homem grande montado num cavalo preto e portentoso, e eu parti do princípio de que aquele homem formidável era Haki. Tratava-se de um nórdico que se estabelecera na Irlanda, de onde empreendera a travessia para a Bretanha, encontrando terra para si a norte do rio Mærse e alimentando a ideia de se tornar rico com a invasão da Mércia, a sul. Havia, então, tomado escravos, gado e propriedades e chegara mesmo a atacar as muralhas romanas de Ceaster, se bem que o assalto tenha sido combatido com bastante facilidade pela guarda da casa da senhora Æthelflæd. Ele era, resumindo, um aborrecimento e por isso estávamos nós a norte do Mærse, escondidos entre o arvoredo despido pelo inverno a observar o seu grupo de guerreiros a galoparem para sul através da vereda endurecida pela geada, na margem da corrente.

— Devíamos... — começou por dizer Rædwald.

— Ainda não — interrompi-o. Levei a mão à Bico de Corvo para assegurar-me de que não se encontrava presa na bainha.

— Ainda não — concordou Sihtric.

— Godric! — chamei, e o meu criado, um menino de doze anos, Godric Grindanson de seu nome, esporeou o cavalo de onde os meus homens esperavam. — A lança! — ordenei-lhe.

— Senhor — disse-me, entregando-me o cabo em madeira de freixo de nove pés provido da cabeça pesada em ferro da lança.

— Tu cavalgas atrás de nós — disse a Godric —, bem atrás de nós. Trazes contigo o corno?

— Sim, senhor. — Levantou o corno que trazia na mão, para mo mostrar. O som do mesmo convocaria o apoio dos sessenta e cinco cavaleiros, caso algo corresse mal, se bem que duvidasse que nos pudessem ser de grande ajuda, se o meu pequeno grupo de guerreiros fosse atacado pelos homens sombrios de Haki.

— Se eles desmontarem — alertei o rapaz —, ajudas a dispersar os seus cavalos.

— Eu devia ficar perto de... — iniciou Godric, a pedir para ficar junto de mim e participar no combate, mas calou-se abruptamente, quando Sihtric lhe deu uma bofetada com as costas da mão.

— Tu ajudas a dispersar os cavalos — rosnou-lhe Sihtric.

— Sim — anuiu o menino, com o lábio a sangrar.

Sihtric desfivelou a espada na bainha. Quando rapaz, fora criado do meu pai e, sem dúvida, também ele quisera combater entre adultos, naqueles dias, porém não existe forma mais rápida de um garoto morrer do que tentar um combate contra um nórdico enrijecido pela batalha.

— Estamos prontos? — incitou-me.

— Vamos, então, matar aqueles malvados — confirmei.

O grupo guerreiro de Haki havia cortado para ocidente e cavalgado para fora do alcance da nossa vista. Seguiam o ribeiro que corria para um afluente do rio Mærse a uns três quilómetros além da curva acidentada do vale que tinham contornado. Havia uma pequena colina, onde as duas correntes se uniam, pouco mais do que um monte de ervas semelhante às sepulturas que as pessoas de idade dispunham por todo o lado, e era ali que Haki morreria ou seria vencido, tanto fazia, pois o resultado final seria equivalente.

Esporeámos os cavalos colina abaixo, embora não tivesse qualquer pressa, pois não pretendia que os cavaleiros de Haki olhassem para trás e nos vissem. Chegámos ao ribeiro e virámos para sul. Não nos apressámos, na verdade abrandei o cavalo, enquanto Sihtric cavalgava adiante para fazer de sentinela. Observei-o a desmontar e a procurar um sítio de onde pudesse ver melhor a ocidente. Acocorou-se e ergueu uma mão em sinal de aviso e, algum tempo depois, correu de volta para junto do seu cavalo, montou e voltou a erguer a mão, mas no sentido de avançarmos. Sorriu-me de orelha a orelha, quando chegámos junto dele.

— Eles pararam num caminho mais além, no vale — informou, a voz sibilante devido à ponta da lança de um dinamarquês que lhe desfizera os dentes da frente, na batalha de Teotanheale —, depois retiraram os escudos.

— Haviam cavalgado abaixo de nós com os escudos às costas, porém era óbvio que Haki contava com problemas à saída do vale e, portanto, tomava o devido tempo para os seus homens se prepararem para um combate. Nós já trazíamos os escudos nos nossos braços.

— Vão desmontar quando chegarem ao fim do vale — disse-lhe.

— E depois irão formar uma barreira de escudos — acrescentou Sihtric.

— Portanto, não temos pressa — concluí, e presenteei-o com um sorriso largo.

— Podem eles estar com pressa — sugeriu Rædwald. Parecia preocupá-lo que o combate pudesse começar sem nós.

Abanei a cabeça.

— Há sessenta e cinco saxões à espera deles — disse-lhe —, e o grupo do Haki terá homens em maior número, mas, mesmo assim, ele vai ser cauteloso. — O nórdico teria quase o dobro de guerreiros dos saxões que os aguardavam, mas estes encontravam-se no topo de uma colina e já teriam formado uma barreira de escudos. Haki teria sempre de desmontar a sua tropa a uma boa distância, para se precaver de ser atacado enquanto os seus homens se preparavam para formar a sua própria barreira de escudos, e só depois da formação, e quando os cavalos tivessem sido afastados para um lugar seguro, ele avançaria e muito devagar. É necessária uma enorme coragem para lutar numa barreira de escudos, onde sentimos a respiração do inimigo quando as espadas caem e golpeiam. Ele avançaria devagar, confiante na sua superioridade numérica, mas seria cuidadoso, pois os saxões que o esperavam poder-lhe-iam ter preparado uma armadilha. Haki não podia arriscar-se a perder homens. Talvez considerasse que poderia ganhar o combate ali, onde a corrente se juntava ao rio, mas continuaria a ser cauteloso.

Os nórdicos irlandeses espalhavam-se pela Bretanha. Finan, o amigo do meu pai, afirmava que os homens das tribos irlandesas formavam um inimigo formidável de mais, pelo que os nórdicos estavam a ser remetidos para a costa oriental da Irlanda. Contudo, deste lado costeiro, as terras a norte do rio Mærse e a sul do reino escocês eram selvagens, indomadas e, assim sendo, os seus barcos atravessavam as ondas a fim de se estabelecerem nos vales da Cúmbria, que era uma parte da Nortúmbria, e o rei dinamarquês em Eoferwic recebia-os de braços abertos. Os dinamarqueses temiam o poder crescente dos saxões e os nórdicos irlandeses eram lutadores fervorosos que podiam ajudá-los na defesa das terras que tinham sob o seu domínio. Haki fora um dos últimos a chegar e pensara em enriquecer às custas da Mércia, pelo que havíamos sido enviados para o destruir.

— Não se esqueçam! — gritei aos meus homens. — É suposto sobreviver um deles!

Deixar sobreviver um fora sempre o conselho do meu pai. Permitir que um homem leve a má notícia para casa e assuste os outros, se bem que eu

suspeitasse que todos os homens de Haki se encontravam ali, o que significava que o sobrevivente, caso o houvesse, levaria a notícia da derrota às viúvas e aos órfãos. Os sacerdotes dizem-nos para amarmos os nossos inimigos, mas para não termos misericórdia para com eles, e Haki não fizera por merecer qualquer compaixão. Assolara as terras em redor de Ceaster, e a guarda da casa, em número suficiente para segurar a muralha, mas não para o fazer e simultaneamente enviar um grupo de guerreiros além do rio Mærse, apelara por ajuda. Nós éramos essa ajuda e, agora, cavalgávamos para ocidente, ao longo do ribeiro, o qual se ia alargando e tornando menos fundo, já sem se apressar sobre as pedras. Amieiros curvos cresciam com troncos grossos, as braças desnudadas a inclinarem-se para leste sob a força do vento indomável que soprava do mar longínquo. Passámos por uma quinta que fora queimada, nada mais restava ali senão as pedras enegrecidas de uma lareira. Tratava-se de uma das quintas de Haki, a mais situada a sul, e era a primeira que havíamos atacado. Nestas duas semanas em que nos encontrávamos em Ceaster já tínhamos ateado fogo a uma dúzia das colónias de Haki, levado dezenas de cabeças de gado, matado pessoas e tornado escravas as crianças. Agora ele pensava que nos tinha armado uma cilada.

O movimento do meu garanhão fazia bater contra o meu peito a cruz pesada em ouro que eu trazia em redor do pescoço. Olhei na direção do Sul, onde o Sol desenhava um círculo prateado envolto de nuvens num céu que desfalecia, e fiz uma oração silente a Odin. Metade de mim é pagão, talvez menos do que isso, mas até do meu pai se conhecem as preces ao deus cristão.

— Existem muitos deuses — tantas vezes me dissera —, e nunca sabemos qual deles se encontra acordado, por isso reza a todos eles.

Portanto, orei a Odin. Sou do teu sangue, dizia-lhe, assim protege-me, e eu era mesmo do sangue dele, porque a minha família descende de Odin. O deus viera à Terra e dormira com uma humana, mas isso fora muito antes de o nosso povo fazer a travessia marítima para tomar a Bretanha.

— Ele não dormiu com uma rapariga — ouvia ainda o tom de gozo do meu pai, enquanto cavalgávamos —, cobriu-a, isso sim, e enquanto isso não se dorme. — Fiquei a pensar por que razão os deuses já não vinham à Terra. Seria tão mais fácil acreditar, se viessem.

— Abrandem um pouco! — chamou Sihtric, e eu deixei de pensar nos deuses a cobrirem as raparigas, para verificar que três dos nossos homens mais jovens haviam esporeado os cavalos e tomado a dianteira. — É para

abrandarem — chamou Sihtric de novo, depois sorriu-me de orelha a orelha. — Já não falta muito, senhor.

— Devíamos enviar sentinelas — aconselhou Rædwald.

— Já lhes demos tempo suficiente para se formarem — disse-lhe —, continuemos a cavalgar.

Sabia que Haki e os seus homens desmontariam, a fim de atacarem a barreira de escudos que os aguardava. Os cavalos não vão contra barreiras de escudos, desviando-se para o lado, portanto, os guerreiros de Haki formariam a sua própria barreira para enfrentarem os saxões que os aguardavam na colina baixa. Porém, nós chegaríamos pela retaguarda, e os cavalos vão contra a parte traseira de uma barreira de escudos, uma vez que esta nunca é tão apertada como as fileiras dianteiras. A fileira da frente é uma parede de escudos encaixados uns nos outros e de armas cintilantes, enquanto a fileira de trás é a primeira a entrar em pânico.

Virámos ligeiramente para norte, seguindo o trilho de uma colina, e ali estavam eles. O Sol inclinava-se por uma nesga entre as nuvens para brilhar sobre os estandartes cristãos exibidos no topo da colina e refletir-se nas lâminas que ali aguardavam. Sessenta e cinco homens, apenas sessenta e cinco, uma barreira de escudos apertada de duas fileiras na crista da colina, sob as bandeiras brasonadas com a cruz e, entre eles e nós encontrava-se a barreira de escudos de Haki, ainda em formação, e perto de nós, à nossa direita, estavam os seus cavalos sob a guarda de rapazes.

— Rædwald — chamei —, três homens para dispersarem os cavalos.

— Sim, senhor.

— Vai com eles, Godric! — ordenei ao meu criado, depois avaliei o peso da lança com o cabo em freixo na minha mão. Os nórdicos ainda não tinham dado pela nossa presença. Tudo o que sabiam era que um grupo de invasores mercianos havia penetrado no coração do território de Haki, e os nórdicos tinham ido atrás deles no intuito de os matarem, porém agora descobririam que haviam sido ludibriados e atraídos para uma cilada. — Matem-nos! — gritei, e esporeei o cavalo.

Matem-nos. É sobre isto que os poetas cantam. À noite, no salão, quando o fumo na lareira sobe mais espesso até às vigas e os cornos de cerveja estão cheios, o harpista começa a tocar as cordas e cantam-se canções das batalhas. São as canções das nossas famílias, do nosso povo, e é assim que relembramos o passado. Chamamos o poeta de bardo, que significa modificar, moldar algo, e um poeta molda o nosso passado de forma a podermos relembrar a glória dos nossos antepassados e de como nos trouxeram terras

e mulheres e gado e reputação. Não iria haver qualquer canto nórdico acerca de Haki, pensei, porque isto culminaria num canto de vitória para os saxões.

E avançámos contra eles. A lança segura na mão, o escudo apertado contra o corpo e *Harding*, o meu cavalo, um animal valente, embatia com os cascos pesados no solo e, tanto à minha esquerda como à minha direita, galopavam cavalos, as lanças mantidas baixas, a respiração fumegante dos bichos, e o inimigo voltou-se, atónito, e os homens das últimas fileiras daquela barreira de escudos não sabiam o que fazer. Alguns correram na direção dos seus cavalos, enquanto outros tentavam formar uma nova barreira com a frente virada para nós, e eu via as brechas a abrirem-se, ciente de que aqueles homens iriam morrer. Além deles, em cima da colina, os saxões guerreiros que haviam aguardado pegavam agora nos seus cavalos, pois a chacina estava prestes a começar.

E começou.

Fixei os olhos num homem alto de barba negra envergando fina cota de malha e um elmo cristado com penas de águia. Berrava, presumivelmente para que os seus homens encaixassem os escudos uns nos outros e no dele, pintado com a imagem de uma águia de asas abertas, porém, ao deparar com o meu olhar fixo nele, soube do seu destino, ergueu o escudo e levantou a espada a tomar balanço, e eu soube que pretendia atingir o *Harding*, na tentativa de cegar o meu cavalo ou de lhe desfazer os dentes. Lutar sempre contra o cavalo, não contra o cavaleiro. Com o ferimento ou a morte do cavalo, o cavaleiro é transformado numa vítima. E eu via que a barreira de escudos desmantelava-se, quebrava com o pânico, e ouvia os gritos dos homens que tentavam impedir os fugitivos, e inclinei-me sobre a minha lança, apontando o alvo, dei um toque no cavalo com o meu joelho esquerdo, que se desviou do golpe de espada do homem de barba negra. A espada fez um corte no peito de *Harding*, um corte duro o suficiente para o fazer sangrar, mas não fora um desferimento mortal ou incapacitante, e a minha lança atravessou o escudo do homem, dilacerando as tábuas de salgueiro e avançando até perfurar-lhe a cota de malha. Senti a lâmina estilhaçar-lhe o esterno, larguei o cabo, puxei pela Bico de Corvo e fiz o *Harding* voltar-se e enterrei a espada nas costas de outro homem. A lâmina, forjada por um feiticeiro, perfurou a malha como se esta fosse casca de árvore. *Harding* colidiu com dois homens, um de cada lado, deitando ambos ao chão, e nós voltámo-nos novamente e o campo de batalha era um caos de homens a entrarem em pânico, entre eles cavaleiros que esporeavam os cavalos, decididos a matar, e

mais cavaleiros desciam da colina, tínhamos a nossa força inteira a matar e a gritar e, sobre nós, adejavam as bandeiras.

— Merewalh! — fez-se ouvir uma voz aguda e incisiva. — Pare os cavalos.

Um punhado de nórdicos havia alcançado os seus cavalos, porém Merewalh, um guerreiro duro, liderava homens para os matarem. Haki continuava vivo, rodeado agora por cerca de trinta a quarenta homens seus que tinham formado uma barreira de escudos em volta do seu senhor e que nada mais podiam fazer, senão verem os seus camaradas a morrerem, um a um. Mas alguns dos nossos guerreiros também se encontravam por terra. Distingui três cavalos desprovidos de seus cavaleiros e um a morrer, deitado numa poça de sangue, os cascos a baterem. Voltei-me na direção dele e golpeei um homem que conseguira, com muito esforço, colocar-se de pé. Estava atordoado e eu atordoei-o ainda mais, desferindo um golpe de espada sobre o seu elmo, e ele tornou a ir ao chão, e um homem berrava à minha esquerda, o machado erguido com ambas as mãos, e o *Hearding* desviou-se, ágil como um felino, e a lâmina do machado raspou o meu escudo, e de novo nos voltámos e a Bico de Corvo desferiu um só golpe e vi correr o sangue vivo. Eu gritava, exultante, berrava o meu nome para que os mortos soubessem quem os condenara.

Continuei a dar esporas ao cavalo, mantendo a espada baixa, procurava pelo cavalo branco, *Gast* de seu nome, e dei com ele a uns quinze ou dezoito metros de distância. O seu cavaleiro, de espada em punho, cavalgava em direção do que restava da barreira de escudos que guardava Haki, mas três outros cavaleiros colocaram os cavalos no caminho de *Gast*, a fim de travarem o intento. Depois tive de esquecer o *Gast*, porque um homem brandia uma espada contra mim, rasando a minha cabeça. Ele vinha sem elmo e com metade do rosto ensanguentado. Verifiquei que lhe escorria ainda sangue da cintura, porém mantinha uma expressão taciturna, de olhos duros, prontos para a batalha, e emitia gritos de morte ao erguer novamente a sua espada, a qual travei com a lâmina de Bico de Corvo, que a cortou a meio com tal força, que a parte superior se cravou na alça da minha sela. A parte inferior fez um corte na minha bota esquerda e eu senti correr o sangue, enquanto o homem à minha frente cambaleava. Desci ferozmente a Bico de Corvo sobre o crânio dele, estilhaçando-o, esporeei o cavalo e deparei com Gerbruht sem montada a desferir golpes de machado sobre um homem morto, ou quase morto. Já havia esventrado a sua vítima e parecia agora determinado em separar a carne dos ossos e gritava numa grande fúria ao

descer a lâmina pesada e fazer saltar pedaços de carne, respingos de sangue, farrapos de malha e lascas de ossos sobre a erva.

— O que fazes? — berrei-lhe.

— Ele chamou-me de gordo! — Gerbruht, um frísio que se juntara ao nosso grupo de guerreiros no inverno, berrava-me: — Este canalha chamou-me de gordo!

— Tu és gordo — sublinhei, e era verdade. Gerbruht, tinha uma barriga como a de um porco e pernas que se assemelhavam a troncos de árvores e sob a barba pendiam-lhe três queixos, mas ele tinha igualmente muita força. Um homem assustador para enfrentar durante uma luta; um bom amigo de se ter ao lado numa barreira de escudos.

— Este não volta a chamar-me de gordo — rosnou Gerbruht, e enterrou o machado no crânio do homem morto, desfazendo o rosto e expondo o cérebro. — Magricela.

— Tu comes de mais — disse-lhe.

— Porque estou sempre com fome.

Voltei o cavalo e verifiquei que o combate terminara. Haki e os seus companheiros da barreira de escudos continuavam com vida, mas estavam cercados por um grupo maior. Os nossos saxões desmontavam, a fim de matarem os feridos e despojarem os corpos das cotas de malha, armas, prata e ouro. Como todos os nórdicos, estes guerreiros gostavam de usar argolas em redor dos braços para exibirem o seu poder de luta, e nós empilhámo-las, juntamente com broches, acessórios das bainhas de punhais e espadas e correntes de trazer em volta do pescoço, em cima de uma capa rasgada e ensopada em sangue. Retirei uma bracelete do corpo do homem de barba negra. Era um pedaço de ouro com um entalhe de letras angulares, como os nórdicos então usavam, e coloquei a argola em redor do meu pulso, juntando-a às outras que trazia. Sihtric sorria de orelha a orelha. Tinha com ele um prisioneiro, um rapaz assustado, quase um homem. — O nosso único sobrevivente, senhor — disse-me.

— Sim, serve — anuí. — Corta-lhe a mão que empunha a espada e dá-lhe um cavalo. Depois deixa-o ir.

Haki observava-nos. Aproximei o cavalo dos nórdicos que restavam e parei a olhá-lo fixamente. Era um homem baixo, de barba castanha, o rosto coberto de cicatrizes. Perdera o elmo na luta e o cabelo desgrenhado estava escurecido pelo sangue. As orelhas destacavam-se, como as alças de um pote. Ele também olhava para mim, desafiador. O martelo de Thor, moldado em ouro, pendia-lhe sobre o peito coberto pela cota de malha. Contei

vinte e sete homens em redor dele. Desenhavam um círculo apertado com os seus escudos voltados para nós.

— Torne-se um cristão — atirei-lhe em voz alta —, e pode ser que viva.

Compreendeu o que lhe dizia, embora eu duvidasse que o dinamarquês fosse a sua língua materna. Riu-se da minha sugestão, depois cuspiu. Eu nem sequer estava seguro de lhe ter dito a verdade, embora a muitos inimigos derrotados fosse poupada a vida, caso anuissem à conversão e ao batismo. A decisão final não me pertencia, mas ao cavaleiro montado no cavalo esbelto e branco chamado *Gast*. Voltei-me de novo para o círculo de cavaleiros em redor de Haki e dos restantes sobreviventes, e o homem no cavalo branco olhou para além de mim e disse:

— Mantenham vivo o Haki, matem todos os outros.

Não demorou muito tempo. A maioria dos nórdicos mais valentes já se encontrava morta e com Haki permaneciam apenas um punhado dos guerreiros mais experientes, os restantes eram ainda adolescentes a gritarem que se renderiam, porém foram abatidos. Eu observava Merewalh, um homem bom que desertara do exército de Æthelred para ficar ao serviço de Æthelflæd, a liderar o ataque final, e foi ele quem arrastou Haki para fora do monte de corpos ensanguentados, lhe retirou a espada e o escudo e o forçou a ajoelhar-se diante do cavalo branco.

Haki levantou a cabeça. O Sol descia a ocidente, brilhando agora atrás do cavaleiro de *Gast* e ofuscando a visão de Haki, mas ele pressentia o ódio e o desprezo que o olhavam. Posicionou a cabeça de forma a ter os olhos na sombra do cavaleiro, talvez agora conseguisse distinguir a fina malha franca polida, esfregada com areia até luzir como prata. Poderia ver a capa branca de inverno em lã, com os rebordos em pele alva e sedosa de doninha. Verificaria as botas altas, atadas com cordéis brancos e a longa bainha branca bordada a prata da espada, e, caso ousasse levantar os olhos, deparraria com olhos duros azuis num rosto igualmente duro, emoldurado por cabelos dourados, seguros por um elmo, polido ao mesmo nível que a cota de malha. Em redor do elmo desenhava-se um círculo prateado e a coroa exibia uma cruz em prata.

— Retirem-lhe a cota de malha — ordenou o cavaleiro vestido de branco montado no cavalo branco.

— Sim, minha senhora — disse Merewalh.

A senhora era Æthelflæd, filha de Alfredo que fora rei de Wessex. Era casada com Æthelred, Lorde da Mércia, mas o povo sabia que fora amante

de meu pai durante muitos anos. Æthelflæd trouxera os seus homens até ao Norte, a fim de reforçar a guarda da casa de Ceaster e concebera esta cilada que agora deixava Haki de joelhos diante do cavalo dela.

Olhou para mim.

— Fez um bom trabalho — disse-me, quase a contragosto.

— Obrigado, senhora — agradecei.

— Leve-o para sul — acrescentou, gesticulando na direção de Haki. — Ele pode morrer em Gleawecestre.

Considerarei estranha aquela decisão. Porque não deixá-lo morrer ali, sobre a erva pálida de inverno?

— Não vai regressar para o Sul, senhora? — perguntei-lhe.

Ficou claro que considerou a minha pergunta impertinente, ainda assim respondeu-me.

— Tenho muito a fazer aqui. Leve-o. — Ergueu uma mão enluvada, quando me voltei, a fim de me fazer parar e encará-la. — Deve chegar antes do dia de São Cuteberto, está a ouvir-me?

Como resposta, curvei-me diante dela, depois amarrámos as mãos de Haki atrás das costas dele, colocámo-lo em cima de um mísero cavalo e cavalgámos de volta para Ceaster, onde chegámos depois de anoitecer. Deixáramos os corpos dos nórdicos onde haviam caído por terra, como comida para os corvos, mas trazíamos os nossos mortos connosco, cinco homens ao todo. Levámos os cavalos nórdicos e carregámo-los com as armas capturadas, as cotas de malha, as roupas e os escudos. Regressámos a casa vitoriosos, trazendo connosco a bandeira capturada de Haki e seguindo o pendão de Lorde Æthelred com o emblema do cavalo branco, o estandarte de Santo Osvaldo e a estranha bandeira de Æthelflæd, exibindo um ganso branco com uma cruz e uma espada. O ganso era o símbolo de Santa Verburga, uma religiosa que miraculosamente livrara um milheiral de uma invasão de gansos, se bem que me custasse entender por que razão se tornou em milagre algo que poderia ter sido feito por qualquer criança aos altos gritos. Mesmo um cão pernetta poderia ter livrado o campo daquelas aves invasoras, porém não era um comentário que se fizesse diante de Æthelflæd, que tinha a santa assustadora de gansos na mais elevada consideração.

A fortaleza de Ceaster fora construída pelos romanos, pelo que a sua muralha era de pedra, diferentemente dos fortes que nós, os saxões, construíamos com terra e madeira. Passámos debaixo da plataforma superior de combate do portão e trotámos em linha por um túnel iluminado por tochas

até entrarmos na estrada principal, que se estendia direita como uma seta entre os edifícios altos em pedra. O som do embate dos cascos ecoava das paredes, depois soaram os sinos da igreja de São Pedro a anunciarem o regresso de Æthelflæd.

Æthelflæd e a maioria dos seus homens foram à igreja, para agradecerem pela vitória antes de se reunirem no grande salão, no centro das ruas de Ceaster. Com Sihtric, coloquei Haki dentro de uma pequena cabana em pedra e deixámo-lo com as mãos amarradas durante a noite.

— Tenho ouro — disse-nos em dinamarquês.

— Terás palha para dormir e urina para tragar na vez de cerveja — respondeu-lhe Sihtric, depois fechámos a porta e deixámos dois homens de guarda.

— Vamos, portanto, partir para Gleawecestre? — falou Sihtric enquanto nos encaminhávamos para o salão.

— Foi o que ela nos disse.

— Então, deve estar contente.

— Eu?

Sihtric riu-se exibindo as gengivas desdentadas.

— A ruiva da estalagem Wheatsheaf.

— Uma entre tantas, Sihtric — disse-lhe, em tom divertido —, uma entre tantas.

— E ainda aquela rapariga na quinta perto de Cirrenceastre — acrescentou.

— É uma viúva — disse com a maior dignidade possível —, e foi-me dito ser um dever cristão proteger as viúvas.

— Chama a isso proteção? — riu-se. — Vai casar com ela?

— Claro que não. Apenas caso por terras.

— Já devia ter casado — disse-me. — Que idade tem?

— Vinte e um, penso eu.

— Então já devia estar casado há muito tempo — afirmou. — Que tal a Ælfwynn?

— A Ælfwynn, porquê?

— É uma bela égua — disse Sihtric —, e atrevo-me a dizer que sabe o que é galopar. — Empurrou a porta pesada e entrámos no salão, iluminado por velas e pela enorme fogueira que ardia numa lareira em pedra bruta que havia rachado o soalho romano. Não havia mesas suficientes para a guarda da fortaleza e os homens que Æthelflæd trouxera para o Norte, pelo que alguns comiam de cócoras, no chão, mas a mim foi-me dado um lugar perto de Æthelflæd, à mesa de topo. Ela estava flanqueada por dois

sacerdotes, um dos quais entoou uma longa oração em latim, antes de podermos começar a comer.

Eu receava Æthelflæd. Tinha um rosto de expressão dura, embora alguns homens dissessem que fora bela em jovem. Naquele ano, em 911, devia ter uns quarenta ou mais anos de idade e o seu cabelo dourado era percorrido por finos fios brancos. Os olhos dela eram deveras azuis e tinha uma forma de olhar capaz de deixar inseguro o mais valente dos homens. Era um olhar frio e analítico, como se lesse os nossos pensamentos e os desprezasse. Não era o único a recear Æthelflæd. A própria filha, Ælfwynn, escondia-se dela. Gostava de Ælfwynn, cheia de alegria e malícia. Era um pouco mais nova do que eu e passáramos grande parte da nossa infância juntos, e muitas pessoas consideravam que deveríamos casar um com o outro. Não sabia se Æthelflæd aprovava a ideia. Parecia não gostar de mim, se bem que parecia não gostar de muita gente e, contudo, apesar de toda aquela sua frieza, era adorada na Mércia. O marido, Æthelred, Lorde da Mércia, era conhecido como governante do país, porém o povo amava a sua esposa alienada.

— Gleawecestre — dizia-me ela agora.

— Sim, senhora.

— Levem o saque inteiro. Utilizem carretas. E levem também os prisioneiros.

— Sim, senhora. — A maioria dos prisioneiros era constituída por crianças que haviam sido retiradas das quintas de Haki durante os primeiros dias dos nossos assaltos. Seriam vendidas como escravos.

— E devem chegar antes do dia de São Cuteberto — repetiu a ordem dada. — Ouviu-me?

— Antes do dia de São Cuteberto — anuí, obediente.

Ofereceu-me aquele olhar demorado e silente. Os sacerdotes que a flanqueavam olhavam-me com a mesma expressão hostil.

— E levam o Haki — continuou a dizer-me.

— E levamos o Haki — confirmei.

— E enforcam-no diante do salão do meu marido.

— Façam-no de forma lenta — acrescentou um dos sacerdotes. Existem duas maneiras de enforcar um homem, a rápida e a agonizante.

— Sim, padre — anuí.

— Mas, antes disso, mostrem-no ao povo — ordenou Æthelflæd.

— Sim, senhora. Claro que sim — disse-lhe, depois hesitei.

— O que foi? — perguntou-me, reparando na minha incerteza.

— O povo vai querer saber por que motivo ficou aqui, senhora — disse por fim.

Æthelflæd mostrou má cara, o outro sacerdote franziu as sobrancelhas.

— Não é da conta deles... — começou por falar.

Æthelflæd fez-lhe um sinal para que se calasse.

— Há muitos nórdicos a abandonarem a Irlanda — disse refletidamente —, com a intenção de se estabelecerem aqui. Devemos impedi-los.

— A derrota do Haki vai deixá-los amedrontados — avancei com cuidado.

Optou por ignorar o meu comentário desajeitado.

— Ceaster está a impedi-los de utilizarem o rio Dee — falou —, mas o Mærse permanece aberto. Mandarei construir uma fortaleza junto à sua margem.

— É uma boa ideia, senhora — disse, e recebi um tal olhar dela de escárnio que me fez enrubescer.

Dispensou-me com um simples gesto e eu voltei ao meu ensopado de carneiro. Do canto do olho continuei a observá-la, verificando a linha dura do maxilar, a amargura na linha dos lábios e dei por mim a pensar no que raio teria atraído nela o meu pai e por que razão os homens a veneravam.

Porém, no dia seguinte, ver-me-ia livre dela.